**DISCUTINDO GENERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELATOS DE UMA INTERVENÇÃO**

Jorge Alexandre Maia de Oliveira

Professor de Educação Física

Governo do Estado do Rio Grande do Norte – Secretaria de Educação

Prefeitura municipal de Encanto/RN

jorge\_alexandre16@hotmail.com

**RESUMO**

As discussões sobre gênero na sociedade se tornam cada vez mais relevantes. Baseado nessa premissa, a educação física escolar e o esporte recebem importante destaque, haja vista serem cenários que isso ocorre de forma bastante enérgica. O presente trabalho é fruto de uma atividade proposta pelo Programa de Pós-graduação a nível de Mestrado em Rede Nacional em Educação Física da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Trata-se de um relato de experiência a partir de uma intervenção numa turma de 9º ano de uma escola pública da cidade de Encanto/RN. A atividade consistia em analisar manchetes relacionadas ao papel da mulher no esporte e na sociedade, discutir essas questões, em seguida, pesquisar novas manchetes e tecer comentários sobre elas. Os resultados obtidos pelas falas dos alunos mostram que os mesmos apresentaram uma opinião crítica a respeito do tema, inclinados a busca pela igualdade entre homens e mulheres no esporte e na sociedade. Considera-se que, para isso, as aulas de Educação Física são um importante espaço de debate.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Educação Física. Escola.

**INTRODUÇÃO**

As questões de gênero permeiam diversas instâncias sociais, inclusive o contexto escolar (MEYER; SOARES, 2004). Mais especificamente falando, na Educação Física, trata-se de uma das problemáticas mais frequentes, haja vista a mudança de identidade desse componente curricular ao longo dos tempo, acarretando na separação, ou não, de meninos e meninas nas aulas, além de questões biológicas e sociais já discutidas na sociedade.

No contexto educacional, observamos alguns valores calcados na herança de padrões históricos que diferenciam e separam o masculino do feminino, legitimando a desigualdade . Em nossa sociedade, de acordo com Vianna e Ridenti (1998, p.102), as desigualdades entre homens e mulheres são fortemente atribuídas às distinções de sexo e este remete às diferenças físicas entre os homens e mulheres. A escola no seu cotidiano, “produz e reproduz ações que separam e demarcam o que é considerado socialmente como pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino”. A presença do preconceito de gênero no ambiente escolar afeta meninos e meninas, “e tem base no sistema educacional que reproduz, em alguns momentos, as estruturas de poder, de privilégios de um sexo sobre o outro em nossa sociedade”.

Nesta perspectiva, Louro (2001) focaliza como a aula de Educação Física escolar torna-se um contexto de elaboração das identidades de gênero, construindo masculinidades e feminilidades a partir da participação em atividades corporais: “Se em algumas áreas escolares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes, ser feita através dos discursos implícitos, nas aulas de Educação Física esse processo é, geralmente mais explícito e evidente.”(p.72).

Este imaginário circunscreveu-se no corpo de meninos e meninas e indicava que eles tinham a capacidade de produzir gestos e movimentos fortes, ágeis, viris e eficientes; e elas leves, graciosos, delicados e belos. As diferenças existentes entre os dois sexos, como a composição corporal e as qualidades físicas, acabam por definir alguns comportamentos mais identificados e apropriados a cada sexo. Atividades que exigem menor esforço físico e estão associadas à estética com movimentos harmônicos, leves e suaves, estão mais presentes nos movimentos das meninas, exaltando características de delicadeza e fragilidade como definidoras de sua identidade motora. Observa-se que, desde o nascimento, meninas e meninos são submetidos a um tratamento diferenciado que lhes ensina os comportamentos e emoções ‘adequados’ e ‘aprovados socialmente’ ao seu sexo (PEREIRA e MOURÃO, 2005).

Difundia-se um discurso – científico, jurídico e popular – que se tornou dominante na área a respeito das características próprias da natureza de cada sexo, fundada na biologia dos corpos. Considerava-se, “as mulheres como fisicamente frágeis e, por isso, naturalmente delicadas, submissas e afetivas e os homens fortes, e, portanto, dominantes vigorosos e intelectuais” (VAITSMAN, 1994, p.76)

Essa separação ocorre e se justifica em nome de determinadas concepções das possibilidades do corpo diante o movimento, percebidas como distintas para homens e mulheres. Visto isso pois, foi a partir do contexto de aulas mistas e seus impactos, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, que no decorrer da década de 1990 aparecem na área pesquisas que adotam a categoria gênero em suas análises (GOELLNER, 2003, DEVIDE et al., 2011).

De acordo com Uchoga e Altmann (2013) Atualmente as aulas de educação física não mais são legalmente separadas por sexo, processo que, longe de ser pacífico e linear, deu-se no início dos anos 1990. No entanto, tal qual analisado por Dornelles e Fraga (2009), a atual inexistência de legislações no Brasil que proponham a separação de meninos e meninas não significa que essa prática tenha sido completamente abolida das escolas.

A emergência da temática de gênero na Educação Física foi relevante para se tomar ciência dos mecanismos de inclusão e exclusão atravessados pelas questões de gênero, auxiliando a sua intervenção. Saraiva (2002, p. 83) afirma que a Educação Física deve refletir sobre a “[...] importância do papel dos (as) professores (as) na problematização e vivência das questões de gênero, na prática pedagógica, junto aos seus alunos/as. E, para isso, eles (as) próprios (as) precisam estar esclarecidos”. Porém, além disso, Meyer (2004, p. 11) alerta que não é tarefa fácil para o docente perceber as diferenças entre o que é natural e o que é cultural: “A compreensão de que gênero e sexualidade são culturalmente construídos e não ‘naturalmente’ dados não é imediata”.

De acordo com Pereira e Mourão (2005) A temática - gênero - nos debates da Educação Física escolar, dos esportes e da atividade física é considerada recente, e um dos focos motivadores dos novos estudos têm se inspirado na tentativa de superar o modelo tradicional de se pensar o corpo em movimento separado por sexo, que esteve por muito tempo presente na Educação Física.

Com base na emergência do tema e pensando na Educação Física escolar como um importante cenário para sua discussão, chegamos ao seguinte problema: Como uma intervenção nas aulas de Educação Física pode contribuir para a discussão da temática gênero?

Desta forma, o objetivo do presente trabalho é descrever uma proposta de intervenção realizada a partir da temática gênero na educação física escolar. Para tanto, contextualizaremos como foi essa proposta bem como os resultados obtidos a partir de falas dos alunos.

É interessante contextualizar que esse trabalho surge a partir de uma atividade proposta pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física a nível de Mestrado Profissional em Rede Nacional da Universidade Estadual Paulista (UNESP), a partir da disciplina “problemáticas da Educação Física”, com a proposta de levar a campo de sala de aula uma intervenção a partir da temática gênero.

Esse trabalho se trata de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência. Seu principal objetivo é descrever as características de determinada população, no caso os estudantes do 9º ano de uma escola pública da cidade de Encanto/RN, levantar opiniões, atitudes e crenças desse grupo de pessoas, no sentido de Gil (2007).

A proposta consistia em apresentar algumas manchetes de notícias encontradas na web tratando de questões de gênero nas práticas corporais para os alunos:

[Abram espaço para o esporte feminino. Ou, então, serão atropelados](http://olimpiadas.uol.com.br/colunas/olga-esporte-clube/2016/06/14/abram-espaco-para-o-esporte-feminino-ou-entao-serao-atropelados.htm);

[Maria Sharapova vence o jogo, mas o destaque é a sua celulite](http://superela.com/2016/06/06/maria-sharapova-vence-jogo-mas-o-destaque-e-a-sua-celulite/);

[Após 10 anos, mulher volta a apitar jogo masculino em torneio nacional](http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-d/noticia/2016/06/apos-10-anos-mulher-volta-apitar-jogo-masculino-em-torneio-nacional.html);

[Mulheres invadem o tatame em busca de corpo definido e defesa pessoal](http://vejasp.abril.com.br/blogs/emagrecer/2015/09/09/mulheres-tatame/);

[Bailarinos homens ainda sofrem com discriminação](http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/bailarinos-homens-ainda-sofrem-com-discriminacao-3ud7uixkigsh3zs9ajwlninny);

[Ex-jogadoras se unem para combater preconceito no futebol feminino](http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2014/07/1481251-ex-jogadoras-se-unem-para-combater-o-preconceito-no-futebol-feminino.shtml);

[Marcela Temer: bela, recatada e "do lar"](http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar).

Para esta atividade, foi solicitada a leitura das manchetes e a escolha de uma delas para abordar o conteúdo com uma das turmas na escola. Seria necessário promover uma discussão a fim de garantir que a turma possa analisar criticamente a posição ou opinião a respeito da informação veiculada. Em seguida, lançar aos alunos o seguinte desafio: procurar/pesquisar manchetes sobre gênero. Após solicitar aos alunos que pesquisassem notícias sobre a temática abordada, promover uma discussão em sala sobre o tratamento dado para as questões de gênero veiculadas pela mídia.

Para o desenvolvimento dessa atividade, a turma escolhida foi o 9º ano vespertino da Escola MPL da cidade de Encanto/RN, a escolha da turma se deu propositalmente, pois a mesma já estava trabalhando o conteúdo gênero nas aulas, mais especificamente no voleibol. Contextualizando um pouco sobre a turma, é uma turma mista, mas com maioria feminina, aproximadamente 12 alunos ao todo. Desta forma, levando-se em consideração que nessa turma temos duas aulas seguidas no mesmo dia, essas aulas foram divididas em dois momentos: 1. Leitura e discussão da manchete escolhida (nesse caso, em comum acordo com a turma, a manchete escolhida foi a "Abram espaço para o esporte feminino. Ou, então, serão atropelados") e; 2. pesquisa sobre uma manchete relacionada a discussão de gênero na sala de informática, com posterior discussão da mesma.

Logo após esses momentos, os alunos foram convidados a comentarem sobre o desenvolvimento do conteúdo e, especificamente, sobre as manchetes escolhidas por eles. Duas alunas relataram tal fato, o que será apresentado a seguir.

**UM OLHAR SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**  
 De uma forma geral, as manchetes abordam de forma bastante crítica a questão do gênero, sobretudo exemplificando as dificuldades vivenciadas pelo universo feminino no esporte. Algumas questões ainda presentes são o destoamento da mídia em relação a assuntos não diretamente esportivos, como a estética das atletas ou o papel da mulher "no lar". A impressão que se dá após a leitura geral das manchetes é o intuito de nos fazer refletir sobre a questão do gênero, sobretudo chamando atenção pela necessidade de se discutir esses assuntos em sala, conhecendo as dificuldades enfrentadas pelas mulheres.

Neste sentido, Souza Junior (2018) questiona: Mas qual a importância do entendimento dessas questões para nossa prática docente? Acreditamos que seja de fundamental importância, na medida em que o conhecimento a respeito das diferentes configurações de identidade de gênero permitem a construção de espaços e tempos de aulas de Educação Física mais acolhedores a todos e todas, contribuindo para que alunos e alunas sintam-se respeitados e tenham garantida sua dignidade.

Sobre a manchete "Abram espaço para o esporte feminino. Ou, então, serão atropelados"- as principais ideias discutidas sobre os alunos foram a necessidade de acabar com o preconceito e os fatos apresentados sobre a luta pelo espaço por arte das mulheres (alguns alunos consideraram como "insulto" a realidade enfrentada por elas), os alunos ainda consideraram que a manchete trouxe as informações de forma reflexiva, de forma a mostrar a realidade das mulheres no esporte, mais especificamente no futebol, considerando que essa realidade é desigual e inferior ao que se vê no universo masculino.

Sobre isso, Festle (1996) refere que as mulheres atletas sempre tiveram de encarar o preconceito social de dois tipos: primeiro, que suas diferenças físicas as faziam muito menos competentes para o esporte do que os homens; e, segundo, que a prática esportiva as masculinizava. Hillebrand, Grossi e Moraes (2008) corroboram com essa ideia dizendo que o esporte, um fenômeno surgido há milênios, mostrou que as mulheres sofreram limitações em seu direito à prática esportiva. Na atualidade, o mundo esportivo tem, em parte, incorporado a luta das mulheres para se apropriarem de espaços existentes e/ ou para criar novos.

Sobre a pesquisa deles em relação à questão de gênero, algumas manchetes pesquisadas por eles são: "presença das mulheres no esporte cresce, mas preconceito não diminui", sobre a presença das mulheres na arbitragem do futebol. "O que é uma garota e para que serve", sobre o modelo social da mulher ter que ser submissa e o homem superior. E "A evolução da mulher no mercado de trabalho", a aluna que pesquisou essa falava sobre um sentimento de luta pela igualdade entre homens e mulheres.

Tais fatos mostram a visão crítica dos alunos inclinados a pensar sobre a igualdade de gênero no contexto dos esportes e da Educação Física escolar. Daolio (1995) justifica que esses hábitos corporais masculinos e femininos vão, ao longo do tempo, tornando as pessoas de um determinado sexo mais hábil do que as outras em termos motores. Sendo que, no caso brasileiro, os meninos tornam-se mais habilidosos e as meninas, *antas*. O autor acrescenta ainda, com base em Marcel Mauss, que a transformação desta realidade não depende apenas da conscientização e do desejo de mudança.

Souza Junior (2018) diz que diferenças biológicas entre os sexos que não podem ser negadas. Contudo, existem também diferenças socioculturais que precisam ser evidenciadas e que podem ser reconfiguradas na medida em que as experiências ofertadas a meninos e meninas passem a levar em consideração o critério de equidade de gênero. Tal critério pressupõe o reconhecimento e valorização das referidas diferenças entre os sexos, sem abrir mão da igualdade de direitos e oportunidades de acesso às mesmas experiências nas aulas.

Neste sentido, a escola e mais especificamente a Educação Física pode contribuir significativamente, como aponta González e Fensterseifer (2009), segundo a qual o papel da escola consiste em tornar acessível às novas gerações um conjunto de conhecimentos que as possibilite “sentir-se em casa no mundo”, cabendo à educação conduzir o aluno à perda da identidade, ou ao menos o direito ao seu questionamento, para recuperá-la posteriormente, não mais como destino, mas como escolha.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebe-se a enorme relevância de se discutir as questões de gênero na sociedade, na escola e na educação física, haja vista a representatividade e emergência do tema. O presente trabalho teve a oportunidade de fazer isso com um grupo de alunos a partir de uma intervenção proposta pelo Mestrado Profissional em Rede Nacional em Educação Física (PROEF) da Universidade estadual Paulista.

Acredita-se que os alunos discutiram de forma bastante positiva a questão de gênero, sobretudo nas aulas de educação física e entenderam a necessidade de se debater esse tema. Considera-se ainda que a dinâmica da intervenção seguindo essa organização foi produtiva, com boa participação dos alunos, boa distribuição do tempo e que os objetivos da atividade puderam ser atingidos.

Acredita-se que o tema não se esgota aqui, mas que este trabalho pode ser um ponto de partida para outros estudos dessa temática tão relevante e cada vez mais à tona. Contudo, considera-se que a Educação Física escolar pode se configurar como um importante processo para a discussão dessas questões.

**REFERÊNCIAS**

DEVIDE, F, P; OSBORNE, R; SILVA, E, R; FERREIRA, R, C; CLAIR, E, S; NERY, L, C, P. Estudos de gênero na educação física brasileira. **Motriz** 2011;17(01):93---103.

DORNELLES, P; FRAGA, A, B. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência**, Ensino e Pesquisa em Educação Física 2009;01:141---56.

FESTLE, M, J. **Playing Nice: politics and apologies in Women’s Sports**. New York: Columbia University Press. 1996

Gil, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. (4ª ed.). São Paulo (SP): Atlas, 2007

GOELLNER, S, V. A produção cultural do corpo. In: Louro G, Neckel J, F, L, Goellner S, V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.

HILLEBRAND, M, D; GROSSI, P, K; MORAES, J, F. Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 4, pp. 425-430, out./dez. 2008

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pósestruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In.: MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.

SARAIVA, M. do C. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer? **Motrivivência**, v.13, n. 19, p. 79-85, 2002.

SOUZA JUNIOR, O, M. **Educação Física escolar e a questão de gênero**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF Disciplina Problemáticas da Educação Física. 2018

UCHOGA, L., A. R.; ALTMANN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar‐se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 163-170, abr/jun. 2016.

VAITSMAN, J. O contexto brasileiro: gênero, casamento e família na modernização brasileira. In: **Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VIANNA, C.; RIDENTI, S. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Diferença e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas.** 2. ed. São Paulo: Summus, 1998. p.93-105